



DIONÍSIO-EDUCADOR, ESTÉTICA DO TRÁGICO E PEDAGOGIA

Deniz Alcione Nicolay – Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo: Este ensaio é inspirado pelo culto ritual do deus desconhecido, Dionísio. E é por meio dele, como figura simbólica e emblemática do sentimento trágico grego, que pensa a constituição do sujeito educador. De maneira específica, pontua a noção de vida na ambiência do *homo dionysiacus*, deslocando-a das concepções tradicionais que resultam dos currículos de formação docente. O composto Dionísio-educador é um apelo à dimensão estética da educação e, por isso, anima lições ambíguas, paisagens desconhecidas. Nesse sentido, os antigos tragediógrafos são sua grande fonte de inspiração, porque neles assistimos à constituição do drama como *sensibilia* do instante. Portanto, Dionísio-educador é sinônimo da multiplicidade e da complexidade do universo docente, universo paralelo e tão nosso des-conhecido.

Palavras-chave: Dionísio. Docência. Vida. Tragédia Grega.

DIONÍSIO-EDUCADOR

Antes de discorrer sobre os interstícios dessa anomalia extraordinária (qual seja, Dionísio + educação = Dionísio-educador), é necessário dar mãos à palmatória, ou melhor, ao tirso do deus multifário. Pois a assunção de tal fórmula, ao olhar da própria educação, carece de uma nova aurora, profundamente ciosa pelos tempos por vir. No tempo real, assumindo a *manía* do deus, dir-se-ia tratar de um fenômeno estético, artístico e excessivamente criador/destruidor de modelos, valores. Então, não seria de todo estranho partilhar de uma experiência limite (tal como as fronteiras do mito) e afirmar, sem sombra de dúvida, que se trata de uma contra-educação. Entretanto, nada de críticas previsíveis ao reino da *doxa* cotidiana nas escolas, dos mesmíssimos problemas, das mesmas vozes do discurso *com-um*. O que se apresenta nessa provocação anti-natureza é a destreza em rasgar o Véu de Maia da representação, sobretudo valendo-se do universo revoltado da Tragédia Grega. Em tal universo, os elementos atávicos correspondem ao sentido da vida em sua total proporção e, segundo a dinâmica do deus, tanto na sua condição de retração quanto de expansão. Deve-se, contudo, afirmar que Dionísio não é o grande educador da Grécia pré-helênica, já que tal atributo é privilégio merecido do próprio criador das auroras (Homero). Com efeito, são os cantos da *Iliada* e da *Odisséia* que o colocam numa condição de porta-voz dos mitos teogônicos, intérprete dos imortais do Olimpo para a raça dos amigos de Prometeu. Eis que o *epos* homérico fulgura no gosto artístico pela vontade criadora, pois somente assim torna-se

suportável viver na realidade inevitável de *cronos*. Embora essa pulsão estética tenha a marca inconfundível de Apolo, é Dionísio ctônico que sopra aos ouvidos das pitonisas toda força da sabedoria oracular. E é assim como um sopro, como uma rajada de vento, que se ousa transfigurar a secura do real, a dureza dos corações, a miséria do discurso. Não apenas das personagens desse palco figurativo da educação, mas das formas de produzir sensibilidade (e valor) pelos confins do mundo-inesgotável da Vontade. São as razões de um estranhamento nativo que levam o impulso dessa escrita à procura do deus desconhecido: Dionísio.

E, se ele fala pela voz de Homero, é para alcançar a aliança suprema entre a palavra e a música. Talvez retorno aos mitos originários da criação. Na forma de herói trágico, ensina o amor sem limite pelas batalhas da vida. Na forma de estrangeiro, ensina a admiração pelo outro, despindo a si mesmo na cena do dia. Na forma de deus infernal, ensina a queda aos subterrâneos de *Hades* e, ao mesmo tempo, a libertação da vida-morte, cujo ciclo do eterno vir a ser lhe aparece como um broto de vinha na primavera. Na forma de esposo sagrado, ensina o mistério de Ariadne, ou seja, a relação mais estreita que pode existir entre um homem e uma mulher. Na forma de Dionísio-Zagreus, ele ensina, ainda, a harmonia incondicional entre as forças bestiais da natureza. Mas, acima de tudo, é como figura mística e sagrada dos cultos báquicos que ensina os fundamentos da arte trágica. Porque pela primeira vez o *homo dionysiacus*, através do êxtase e do entusiasmo, pôde ultrapassar a medida do homem comum (*ánthropos*) para tornar-se um ator de si mesmo. Ele é agora muito mais do que um brinquedo dos deuses, mesmo a custo de uma violência espetacular (*hybris*), o que resta depõe contra a moderação imperativa do drama délfico (*gnôthi sautón*). E, para além das palavras e das imagens, está uma espécie de cristal do tempo. Um cristal que oferece ao ator trágico a possibilidade de enxergar a arte pela ótica da vida. Ainda que, algumas vezes, por castigo dos senhores do Olimpo, ele sofra pelas mãos das Parcas a cegueira da razão (tal como Édipo). Ou ainda, atordoado e desprevenido, ele caia nas tentações da Moira (tal como Ájax). O fato é que Dionísio-educador pertence à estirpe dos artistas esquelianos e, portanto, anteriores ao assalto moral da Tragédia Grega. Tarefa executada, sobretudo, pela dialética socrática.

Com isso, abandonam-se (de saída!) todos os fundamentos históricos e racionais da educação e da docência. Também a velha utopia acerca do melhoramento da espécie pela via escolar ou do surgimento de uma nova ordem social sobre a terra. Ao contrário, no surgimento do pensamento trágico, a aparência problemática é transfigurada numa sequência de ritos que, em seus mistérios, ocultam a sublime aliança entre um duplo de significados. Por um lado, a boa *Éris* dita os movimentos rítmicos, os efeitos da entonação do drama musical,

tornando a disputa entre os poetas trágicos um verdadeiro impulso pela perfeição estética. Por outro, a má *Éris* semeia a discórdia entre deuses e heróis, de modo que a fala dos personagens se torna evidência lógica de uma espécie de artifício argumentativo-moral (dialética). A percepção é de que: “O herói do drama não deveria sucumbir; ele devia tornar-se agora herói da palavra” (ARALDI, 2007, p.32). Nesse sentido, observe-se que a má *Éris* está relacionada diretamente com o desempenho do drama euripidiano e que o fundamento trágico no meio grego exerce, de maneira indissolúvel, as ações de seu próprio auto-aniquilamento. Evidentemente para a cartilha de Dionísio-educador não interessa a má *Éris*, ocorre-lhe a inspiração extraordinária do mundo homérico e, nesse sentido, semelhante ao poderoso escudo de Heitor, na sua frente ergue-se uma barreira opulenta contra as forças da destruição, contra o abismo do medo. Até mesmo as cenas mais cruéis e atrozes (das batalhas homéricas) são transfiguradas em paisagens bucólicas, cujos heróis se elevam acima dos homens e, portanto, muito próximos dos deuses. Ora, o princípio da educação agônica grega é justamente a emulação desse impulso estético em direção à criação. Nela, os competidores são forçados a dar o melhor de si, superando-se até atingir as raias da perfeição. Assim são os concursos trágicos, mas também as disputas entre os cidadãos livres para decidir os rumos da *Pólis*. Ou seja, o sentido da arte, da filosofia e da política tem a mesma extensão: em ambos a formação do sujeito resulta numa auto-formação.

Mas, por meio disso, não se entenda a disseminação do egoísmo na Pedagogia Homérica. Cada herói, cada competidor, leva a marca da região ou da cidade onde nasceu. E não está só! As glórias das vitórias são compartilhadas pelos deuses locais, embora reste o maior dos prêmios: a grandiosidade de ser reconhecido entre os homens livres. Todavia, Homero como educador, nas artimanhas de seu *agon* popular, não dispensa a polêmica entre rivais, pois o verdadeiro artista se revela inteiramente na sua arte. Inevitável a comparação com a condição moderna: “E o homem moderno teme no artista, mais do que qualquer outra coisa, as lutas pessoais, enquanto o grego conhece o artista *apenas na luta pessoal*” (NIETZSCHE, 2007, p.74 [grifo do autor]). Tal afirmação erige atribuição direta à docência de Dionísio-educador, pois enquanto os demais educadores partilham (em condições reais) da fraqueza e do sofrimento, ele encontra na dor a força motivadora da expressão. Talvez sua natureza de artista inconfundível projete a noção de vida para além dos limites da razão, para o devir ilimitado da existência. Um único recorte apenas do sujeito docente é insuficiente para definir a multiplicidade da obra, o encantamento do gesto, a profusão das matérias. E, se a vida mesma é reduzida por uma série de rotinas burocráticas, então o que se espera é a dissolução do espírito, a ausência de sentido por sobre o tablado das disputas cotidianas.

Nesse sentido, só pode restar ao baluarte do *pathos* trágico, a terrível vontade de saltar para fora do círculo docente, acompanhando os sátiros no movimento do corpo ou, quem sabe, as Coribantes no frenesi da dança enlouquecida. Há que se exercitar, na docência, a arte de saltar, de dançar sobre o pessimismo tardio, de abrir-se para o estrangeiro que está em si mesmo.

Tal caminho, o caminho de Dionísio-educador, tende a levar os pés daqueles que suportam o fardo dos valores docentes para além da compreensão racional e, acima de tudo, da condição de vida presente. É necessário superar o preconceito da própria época, ser um extemporâneo no jogo didático do ensinar-aprender. Isso pode resumir toda a vida num único instante. Mas um instante esplendoroso em que todos os gestos vividos, todas as palavras ditas, permanecem encantadas. Com efeito, como iria de se supor: “O encantamento é o pressuposto de toda arte dramática” (NIETZSCHE, 1992, p.60,§ 8). Trata-se de uma espécie de recusa ao estereótipo do sujeito educador, algo como a ausência da memória instantânea em relação às rotinas sociais. No próprio corpo ocorre o ingresso de uma natureza estranha, um personagem de si mesmo que reinterpreta todos os papéis do cenário escolar. Algumas vezes, esse ator de diálogos particulares se afasta das ações da representação. Assim como Dionísio preside o coro trágico, ele não atua, mas assiste aos movimentos daqueles que estão em seu entorno. No entanto, ele não está indiferente ao que se passa, apenas exige de si certo distanciamento em relação às cenas trágicas da educação. Porque essa distância lhe permite outro ângulo de visão, outra perspectiva, a substituição de conceitos ineficazes por imagens vivas do acontecimento. Frente à complexidade dos traços individuais de cada ator escolar, da abstração promovida pelas formas de conteúdo, ele vê a composição insistente de traços singulares que superam a leitura do real. Dessa forma, o que era impossível, enquanto metáfora da existência se torna uma espécie de quadro substitutivo aos problemas cotidianos, com mais densidade e percepção que qualquer modelo anterior. Embora se tenha a impressão de estar operando por uma crítica contingencial ao exercício da docência, espera-se tão somente, de Dionísio-educador, a excitação da Vontade criativa no jogo-vivo da natureza humana.

Bíos-Zoé

O que transcorre aqui, portanto, é a possibilidade de reinventar a docência a partir do conceito de vida nos ritos trágicos dionisíacos (*zoé*). Na sua configuração mítica e arcaica, tal conceito está diretamente ligado ao passado imemorial dos heróis gregos. Em Homero, por

exemplo, a ressonância do termo denota o poder da palavra, a superação de barreiras intransponíveis entre vida e morte. Então, “uma definição grega de *zoé* é *khronos tou einai*, “tempo de existir”, mas não no sentido de um tempo vazio em que o ente vivo entra e permanece até a morte” (KERÉNYI, 2002, p.20). Diferentemente de *bíos*, que inclui a morte e, por isso mesmo, constitui-se na vida finita de cada indivíduo, *zoé* ultrapassa a vida individual (sinergia das dionisíacas brindando a estação das flores!). Sua definição está próxima da noção de *phýsis*, ainda no tempo dos filósofos trágicos. No entanto, evite-se qualquer tautologia lingüística, à moda de poetas que esperam a estrela de Sírius no amanhecer. São definições do mundo-aqui, expressões encharcadas de *sapere*, cuja materialidade se adensa tanto na superfície das plantas quanto no líquido amniótico ao redor do embrião. Agora, imagine-se uma vida sem biografia (recortes da trajetória pessoal de cada homem), ou então, a terrível contravenção oracular expressa na sentença “Memórias de um educador”. Ou seja, em *zoé* a experiência vital é indescritível, não pode ser compreendida pelo exercício lógico de simplesmente “pensar sobre”, excluindo a *sensibilia* que anima o instante. De certa forma, pode-se afirmar “É a nossa experiência mais simples, íntima e auto-evidente” (KERÉNYI, 2002, p.21). Independente de qualquer processo de demolição, de dissolução entre as substâncias vitais, a energia infinita que se desprende da matéria continua a persistir nos encontros da *psyché*. Às vezes, para os seguidores de Dionísio-educador, irrompe o desafio de viverem outras vidas dentro da vida, descobrirem outras linguagens dentro da língua, nomearem outros nomes dentro do nome. Eis a filosofia do deus contestador.

E é evidente que em tal filosofia inexiste um cronograma de rotinas do senhor educador, espécie de *continuum* burocrático, porque atrelado as tarefas institucionais. Até mesmo a linguagem pedagógica, quando se atem na descrição de uma metodologia, carrega um ranço moral, religioso e, de certa forma, invoca a *bíos* da profissão docente. Vê-se, portanto, a dissolução gradativa da experiência artística no indivíduo, a decadência e o desânimo de seus instintos impulsivos (*trieb*). Nada comparável a experiência da vida em *zoé*. Nela, persiste a vontade de repovoar espaços carentes de significados, dimensioná-los por meio da alegria e da multiplicidade da arte trágica. Trata-se de espaços paralelos que simulam elementos cotidianos da realização escolar. É como se o outro mundo se transformasse no mundo-aqui, exercício supra-sensível que envolve a reelaboração das dinâmicas internas do indivíduo. Talvez essa condição possa ser expressa numa frase roubada de Rimbaud: “Eu é um outro; a verdadeira vida está ausente” (ROSSET, 2008, p.89). De fato, o que é paradoxal é a própria docência, pois se refere à possibilidade do sujeito educador ser, ao mesmo tempo,

ele próprio e outro. Por vezes, a ilusão oracular ligada à tragédia grega provoca a duplicação do acontecimento (Édipo frente as previsões de Tirésias). O real, nesse caso, está do lado da ilusão, assume perfeita concretude na medida em que se anuncia na obsessão do herói. Ou seja, na perspectiva de Dionísio-educador é como se um eco da voz contra-argumentasse os saberes pedagógicos: “Quem é este docente que aí está? Que espaço é este que ocupo na realidade?”. A afirmação de toda e qualquer experiência ou de alguma resposta (elaborada de antemão) é, sobretudo, duvidosa, uma vez que a noção de vida comum está preza no emaranhado de significados que a formularam. Se, o fantasma é o outro, então a alegria afirmativa está do lado da *phantasia*. Assim, o que é vital para a docência está fora dela.

No entanto, nada é possível sem o deslocamento das estruturas internas do docente. Sem a aceitação do instante criador, da abertura para o inusitado da existência, dificilmente o mecanismo das pulsões se mostraria salutar a fim de apreciar as potências do sentimento trágico. A espinha dorsal da ação transfiguradora do real é a precisão dos movimentos de expansão e retração do campo perceptivo, cuja elasticidade permite ao sujeito (docente) recriar o instante derradeiro. Há que se asseverar de que: “Viver é criar a cada instante o espaço para o despontar da beleza e retirar da incontornabilidade da retração a alma mesma da expansão” (CASANOVA, 2003, p.10). É toda a carga do saber pedagógico que é usada para a constituição de um presente único, fruto de um segundo lance de dados e da desconstrução dos valores morais. Nesse sentido, aspectos da experiência ocorrem em paralelo com o universo imediato das pulsões e, com frequência, se misturam, são transpostos pela dinâmica da produção estética. Disso resulta, então, a perspectiva de criação de um espaço puro, de um *avant temp réel*, lugar onde as cenas do cotidiano escolar não se desenvolvem nas dimensões espaciais usuais, mas em suas próprias dimensões. Ou seja, na condição de expansão do campo perceptivo do docente, do contato deste com blocos de sensações momentâneas. Em certo sentido, são as alegorias de Dionísio-educador que fornecem matéria prima para essa atmosfera de embriaguez, misto de sonho e realidade, fusão complexa entre Apolo e o próprio Dionísio. Uma áurea festiva substitui, portanto, o espaço cristalizado da representação, assim como o fardo dos valores morais da docência pelo “sabá dos sabás” (NIETZSCHE, 1992, p.19, § 5). São as parúsias do deus paradoxal que convocam a liberdade vertiginosa da criação, ato transformador da matéria à forma.

Mas vê-se, inclusive, nesse tensionamento da capacidade criadora do sujeito (educador), uma forma de experimentar possibilidades de exteriorização do pensamento que, mormente, são condenadas ao juízo do único, do igual. Nesse sentido, torna-se necessário realinhar, dentro de uma concepção vitalista, a própria noção de espírito, uma vez que a névoa

metafísica do mundo-outro costuma obscurecer sua compreensão. Ora, se Dionísio é o deus das videiras (*Hêmerídês*) (Cf. DETIENNE, 1988, p.62) é natural que ensine a habilidade de moldar espíritos, tal como a videira cultivada, cujos galhos excessivos não podem ser abandonados em si mesmos, condenando a planta e, com isso, o sabor do vinho. Embora o sentido da expressão “espírito” deva ser procurado nas dimensões do mito, no passado da antiga Grécia e, portanto, distante das concepções modernas, ele sempre se renova em cada estação. Então, “Espírito é a abertura e a expansão do descortino, uma experiência primordial do homem” (KERÉNYI, 2002, p.07), ou seja, na sua condição de provocador da produção estética, ele nunca é pensado de maneira deslocada do mundo natural. Ao contrário, ele agrega densidade e força de expressão, elementos sem os quais a arte não passaria de uma percepção ingênua. O que se aprende com Dionísio-educador está, nesse caso, numa condição paradigmática: parte-se de uma docência sem espírito para o espírito da docência. E, por isso, não existe nenhuma relação previsível com aquilo que se entende por trajetória de formação, nem os saberes pré-definidos servem para ilustrar as idéias que se tem. Os caminhos são sinuosos, descontínuos e imprevisíveis, mas é por meio deles que a docência deve pautar seu enfrentamento sublime: ela deve tornar-se. Ao modo de guerreiros homéricos que não temem os campos de batalhas, os seguidores de Dionísio entronizaram o lema elogioso da ode de Píndaro: “Ο άνθρωπος, που κάνει ποιος είσαι”¹.

Essa extração da logicidade racional do discurso pedagógico não ocorre sem certo pavor abominável. Abandonar as certezas que calcificaram modos de vida, de verbalização de conteúdos programáticos, de práticas operacionais, requer mais do que um exercício de fidelidade a si mesmo. Só há efetiva transposição estética quando o pesadume da razão, o nojo ao burocratismo se converte em êxtase, paixão avassaladora pelo entrespaço do tempo (encanto do possível). Haja vista as lições daquele que é considerado “o mais cruel para os homens e o mais doce” (EURÍPEDES, 1995, p.95, v.861), pois jamais dispensava os mecanismos de contágio coletivo no seu culto, quer seja pela explosão catártica da alegria, quer seja pelas procissões das cidadãs de Atenas, que em transe perseguiam as trilhas pedregosas (Cf. KERÉNYI, 2001, p.14). Em relação à docência, portanto, as reflexões dessa provocação dionisíaca são perpassadas por uma espécie de estímulo estético, dirigido aos coletivos de educadores. Assim, quer-se o sentido trágico da palavra “simpatia” (de *sym-pátheia*, o que no meio grego pode ser interpretado enquanto “sofrimento conjunto”) (Idem, p.14), ou seja, aguçar o desejo de criar ficções a fim de partilhar a amargura. Nem por isso o

¹ Tradução: “Homem, torna-te o que és”.

potencial imagético de Dionísio-educador deve ser menosprezado, ele simboliza o contra-senso da regularidade educacional, o fantasma assustador da imagem-modelo. Talvez sua grande lição queira dizer o seguinte: “na formação nada está decidido, nem o que sou (neste momento), nem o que os outros serão (em algum momento)”. Nada está constituído de antemão, sobretudo do ponto de vista ontológico da docência: “Mesmo individuado, ele ainda é múltiplo, porque defasado e polifasado, encontrando-se numa fase de devir que o conduzirá a novas operações, num processo de individuação permanente” (CORAZZA, 2011, p.114). Acaso se compreenda, minimamente, a natureza da motivação trágica perceber-se-á a fragilidade da aparência do ser, a película que separa uma interioridade supostamente constituída de uma exterioridade pré-formada. E é essa dinâmica que corrobora no campo perceptivo. Daí a necessidade da transposição estética das pulsões: elas viabilizam encontros de singularização do sujeito docente.

Agora, considerando tais apontamentos anteriores na cartilha de Dionísio-educador, pretende-se situar sua pedagogia, não sem antes reafirmar que (ele próprio) não conduz a lugar algum, mas apenas acompanha o som cadenciado da flauta do grande Pã. Sua pedagogia é todo movimento, toda música, toda cores. Por meio dela cultiva os mistérios da vida-morte, dobra o regime de significados da linguagem despindo-a de seus clichês, reinventa (no palco cotidiano) o instante mágico da expressão. E, conforme os muitos nomes de Dionísio, também essa pedagogia arrisca chamar-se de estranha, estrangeira. Todavia, ela não é uma coisa, nem outra. Mas é provável que lhe possa aplicar o princípio beckettiano: “Tentar de novo. Falhar de novo. Falhar melhor”. Pois não nega em compartilhar o sonho, tampouco em metamorfosear a dor do “princípio de individuação” (Cf. NIETZSCHE, 1992, p.30, §1) numa forma de prazer indescritível. Por isso, desnecessário dizer que afronta o discurso aporético da metafísica tradicional e, talvez, ela própria, torne-se uma aporia do mundo que ainda está por vir. Entretanto, não alimenta esperanças como forma de crença na adoração de um humanismo tardio. É a vida em si, seu poder ser, mesma, vivida, que agracia a alegria do múltiplo. Na forma de cultivo de um espírito de nascividade e, portanto, de produção dinâmica da vida, no seu “ensinartistar” (Cf. CORAZZA, 2011, p.112), ela contagia-se do aroma impregnante da florescência natural, do vigor que se expõe intensamente na arte de traduzir o *pathos* do instante. Tem-se suas variações, jamais a essência (como se esta fosse possível!). Variações do ponto de vista. Logo: da perspectiva que propaga a simetria das formas. Então, são quatro cantos afirmativos da mesma palavra: Παιδαγωγία². Assim como os

² Tradução: “Pedagogia”.

quatro ventos, os quatro pontos cardeais, as quatro estações do ano, os quatro elementos, as quatro fases da lua, também se evidencia a quádrupla raiz significante da terra dionisíaca. Ou seja, as quatro lições de Dionísio-educador.

1ª lição: pedagogia do gesto

As palavras não se atêm a um único lugar. Pode-se relatá-las sem mesmo que se fale. Pode-se vivê-las sem mesmo que se relate. Vê-las todas encarnadas na convulsão do corpo. Do corpo em estiramento coreográfico. Do corpo inerte sentado na sala de aula. Porém vários corpos no quadrângulo do espaço. Arte acrobática de decodificar o vazio. Embora vazios são os olhos de quem vê. O corpo não. Por isso o educador é todo gesto. De um lado. De outro. Mãos acima. Mãos abaixo. Dedo em riste. Imóvel. Gesto facial. Lendo outros gestos na arquitetura dos olhos. Pernas cruzadas. Descruzadas. Estiradas. Pouco a pouco os braços demonstram sinais de cansaço. O ombro cai para um lado. Para outro. A cabeça não sustenta mais seu próprio peso. Mas os olhos gostariam de saltar para fora do crânio. Pandemônio de olhares em todas as direções. Os que parecem vencidos cobrem o rosto. Nem todos. Dobras silenciosas do anel labial. Uma língua que se movimenta em direção ao palato. Outra língua que se adianta ao impulso da glote. Nenhum sinal visível de relaxamento. Distante da epiglote. De quando em quando um olho procura uma janela nua. Passagem da língua ao pensamento. Retorno dos sinais que cruzam o espaço ao amanhecer. Todos os dias quando nasce o sol. O corpo estará de novo. Na musculatura da palavra esconde-se a fraqueza do gesto. O dedo aponta para o infinito do labirinto auricular. Ele se levanta em frente aos corpos. Embora sua pequena estatura. Os olhos trespassam a parede do teto. Os pés inclinam-se levemente para frente. Na ponta dos pés. Pressão excessiva sobre o dedão do pé. Ameaça saltar por entre os corpos. Antes saltar com um pé só. É cedo para a deformação da coluna vertebral. Tão cedo. Haverá amanhã com ou sem lua? Nem tudo foi dito e provavelmente nunca será. É como um jogo. Livre e ao mesmo tempo controlado. O gesto universal emana do jogo. Mas jogo e corpo pertencem ao mesmo gesto indivisível. No tabuleiro. Sem reis ou rainhas. Um centauro salta por sobre a torre. Distante. Estardalhaço de peões e damas. O corpo cai inerte no meio do nada. Agora o ar está imóvel. Esse miserável ainda vive! Na soleira da porta um risco de giz. Língua presa no vestígio do olhar. Palavras que brotam de solo árido. Na secura da sala de aula. Resta apenas um rosto envelhecido. Fim de estação. A ternura vem com a primavera. As palavras varrem as idéias. Mais nada. Fica o gesto do corpo na alma da dança. Aprendei a dançar: — Ó educadores!

2ª lição: pedagogia da embriaguez

Eis aberta à clarabóia do casebre abandonado. Vens de longe cavalgando os corcéis do amanhecer. Misto de sonho e despedida. Sobretudo um dia de céu claro. Estranha vulgívaga. Brisa fresca sobre os nenúfares do lago. Outrora o jardim florido. Após a calmaria da tempestade. Os ciprestes curvados ainda escondem mistérios. Tão lúgubres. Mas o sonho desencadeia o tempo. Ali onde só restam as pedras do caminho. Infância desfeita em pegadas. De passagem pela escola. Refeita no arcação da ilusão. Há um lugar ainda. Detrás da névoa que se precipita ao redor do lago. Um instante só. Muitas vezes sob as estrelas que cintilavam. Ouviu-se o canto da ave desconhecida. Solitário entre muitas solidões. No descompasso da jornada. Silêncio. O erro mudou de direção. E era sempre melhor o que passou. Porém o anverso da lição também é verdadeiro. Existe mais realidade no vinho do que nas coisas. Ele repete a última canção. Apenas uma canção. Quem ouviu a ave de canto melífluo? Do outro lado. Dos esporões carcomidos. Frágil. Vinheta fustigada pela senhora das horas. Sempre ela. Outro lado. Maldita broca que perfura as mágoas da mancha. Também as roupas envelhecem com seu próprio manequim. Ele insiste num último aceno. Da vidraça para o jardim. Mais nada. Embora a sedução ainda esteja lá. Escondida num geométrico jardim. O livro em punho. O sonho para além do lago. Havia uma ponte entre o lago e o jardim. Havia uma infância entre a escola e o sonho. Os sinais do tempo já não acompanham as palavras. Tão só. Distante dos bem-amados. A canção permanece encantada. Mas as gramíneas ainda verdejam. Fios de água no amanhecer. O vento nas folhas. O velho cata-vento. Eterno giro ao redor de si mesmo. Roda anti-horária. Sempre perdida em meio aos carvalhos. Ressurge da decomposição das folhas. Insetos em polvorosa. Disputa cada qual por seu quinhão. Era um. Era outro. Entre dois. Não mais. Agora o sonho recupera a vida. A vida recupera o sonho. Aprender com as folhas que caem. Com a névoa por sobre o lago. Com a ave e seu canto. Com o livro e sua traça. Sempre. Ébrios de infância.

3ª lição: pedagogia do riso

Passos alquebrados pela trilha desconhecida. Na planta dos pés. O mapa das linhas que nunca acaba. Cada linha dentro da outra. Cada lição dentro da outra. Os velhos imitam os novos. Estes procuram saltitar cada vez mais. Saltérios e zabumbas. Um santo despido da inocência. Um pecador despido do pecado. Ambos abraçados. Outros mais adiante. Adiante

ainda a boca de um desdentado. O olho do zanolho. O ouvido do surdo. A língua do mudo. Cadelas ensandecidas procurando a última cria. Do último riso. Estridente até o infinito. Comichão que nunca para. Nunca. Eleva e se expande. Só. Do fundo da dor. Ele então num gesto inesperado atira a coroa de hera por sobre a cabeça dos seguidores. Todos fartos. E sem esperança. Apenas o presente. Ainda ontem havia uma maldição no paraíso. Hoje tão somente os nervos a flor da pele. Carótidas em fluxo incessante. Um bilhão de cabeças desequilibradas. Não há limite para os que descem aos abismos da consciência. E de lá retornam como se vissem um deus. Sem coleiras para o corpo e para a alma. Também sem religião. Nus de certezas. Vestidos de púrpura da lua. Para Lá. Para cá. A cadência é a mesma das ondas do mar. Mas eis de repente um grito estrondoso que irrompe nas cercanias. Pavor nos olhos. Silêncio dos crótalos. Angústia solta no ar. Suspensão absoluta da palavra verdade. Nada vale tanto quanto o ar que se respira. Tabernáculo de sensações. Como um raio. A divina criança abre caminho entre os velhos estarecidos. Vem ensinar-lhes a música de uma nota só. Seu recado ultrapassa a sabedoria dos oráculos. Inocência. Édipo não sabia rir. Mas a graça de um sorriso surge nas asas dos colibris. Então muitos colibris abrem e fecham as asas ao mesmo tempo. Depois do filho vem o pai e o avô. E ele vem para ensinar a arte do riso franco. Agora não há mais medo na indecisão do olhar. Os olhos se abrem para outra realidade. Uma realidade tresnoitada por um céu de estrelas. A vida venceu o tempo. Cantar. Sorrir. Chorar. Amar. Uma nota só. Tudo se repete até o infinito. Por isso a gargalhada ecoa por sobre as consciências civilizadas. Vã consciência. Estados da forma leve. O corpo perde o peso dos anos. Alma indivisa. O filho aprende com o pai. O pai aprende com o filho. Ambos sorriem para a eternidade. Nos traços do rosto ficou o vinco de uma linha de expressão. Mais uma. Acompanhada de outra. Várias delas dobradas pela alegria.

4ª lição: pedagogia das máscaras

O mesmo não suporta o outro. Na mesma sala de aula. No mesmo conteúdo que se ensina. Por vezes na mesma escola. Também no mesmo grupo. Mas entre o mesmo e o outro existe o dessemelhante. Nunca mais os mesmos olhos presenciarão os mesmos gestos. Era tarde demais para abraçar os corpos que insistiam em povoar os espaços que ali estavam para não serem povoados. O educador é a caricatura do professor. O aluno é a caricatura do órfão num estado posterior da própria orfandade. Nem um nem outro abdica da farsa. Do desejo de interpretar papéis inusitados. Os corpos mantêm sua superfície graças ao intervalo das cenas. A seqüência dos papéis depende do grau de humor aplicado em determinadas situações. É por

isso que algumas figuras de olhar cansado estão sempre se despedindo. Elas esqueceram a máscara no guarda-roupa. Mas ninguém se esquece de acordar quando o sono abandona o corpo. Cada dia traz escondido no seu bojo a *physis* que lhe antecedeu. Tarda mas não falha! É como a precipitação da chuva após os acenos do horizonte. Embora para cada dia exista um horizonte. Dificilmente choverá na próxima estação. Mas o inominável está ali. Ele tem as feições do rosto. Mas os olhos estão vazios. Como vazios estão os corações que fingem amar. Desoladamente. Deve-se antes de tudo aprender as lições do fantasma. Casa vazia. Corpo pleno. Névoa que não se dissipa. Mecanismo deformatório. E o rosto não é mais o mesmo. Uma face dividida em duas partes. De um lado a expressão da dor. Do outro a expressão da alegria incondicional. Entre um lado e outro fica a incerteza. E toda incerteza carrega consigo infinitas bolhas de solidão. Não há nada por trás do rosto. Espírito rachado e feito em pedaços. E os pedaços dizem de pedaços menores. Minúsculos. Cada fragmento de espírito oculta o desejo de ser outrem. É como uma onda que se volta sobre si mesma. Ela se torna maior ou se destrói. Tudo que a eleva está submerso. Tudo que a destrói está imerso. Por isso todas as lições até agora ensinadas são lições do erro. Porém o erro converteu-se em verdade. Como a máscara converteu-se em rosto. Não há beleza nos pântanos da humanidade. Pois “O belo é podre, e o podre, belo sabe ser; ambos pairam na cerração e na imundície do ar” (SHAKESPEARE, 2000, p.07). São nos ambientes mais obscuros que nascem as orquídeas mais belas. Aprendei com as orquídeas: — Ó educadores!

Essas são as lições de Dionísio-educador. Ou seja, são quatro lições para afirmar a multiplicidade do universo dionisíaco. Nada de afirmações, nada de definições que não passem antes pelo crivo estético da pedagogia. De certa forma, procura-se atingir uma espécie de nudez da linguagem, variações infinitesimais da mesma palavra. O conteúdo performático visa à deformação de sentidos, perversão e provocação do hábil leitor para o instante inesperado. Evidentemente, a procura por qualquer forma de definição não pode partilhar do movimento reiterativo da imaginação, uma escrita que nunca acaba, incessante. A percepção escritural é produto do olho e da palavra, expressões de um mundo visível e, ao mesmo tempo, imaginário. E, assim como nos ritos do deus inominável, as frases saltam convulsionadas de dor e alegria. Há sempre uma surpresa nas vestes do deus. Mas, afinal, quem é Dionísio-educador?

Referências:

ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche: ensaios da juventude**. Porto Alegre: Armazém digital, 2007.

CASANOVA, Marco Antônio. **O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Friedrich Nietzsche**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação: aula cheia**. Porto Alegre, 2011. [texto digitado].

DETIENNE, Marcel. **Dioniso a céu aberto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

EURÍPIDES. **Bacas. O mito de Dioniso**. São Paulo: Hucitec, 1995.

KERÉNYI, Carl. **Dioniso**. São Paulo: Odysseus, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

_____. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Porto Alegre: L&PM, 2000.